

A paisagem na viagem ao interior do Brasil de Johann Emanuel Pohl

O Brasil no século XIX foi destino de vários expedicionários chamados de naturalistas. Por interesse no conhecimento ou em busca de novidades para a sociedade europeia, tais homens adentraram o Brasil e deixaram registros valiosos do período. O estudo tem por objetivo buscar as concepções de paisagem e em especial a paisagem do Tocantins em tal período descrita no diário de Johann Emanuel Pohl, posteriormente publicado em forma de livro. A partir da seleção metodológica com palavras-chave e frases, foi possível identificar traços e referências significativas a conceitos e formulações sobre a paisagem que seriam desenvolvidos nos séculos posteriores. Constatou-se uma visão plural da paisagem marcada pela formação cultural e científica do viajante que estabelece comparações e diferenças com o seu local de origem. Os escritos permitem identificar paralelos com as concepções de paisagem desenvolvidas por Alexander Von Humboldt, Siegfried Passarge, Richard Hartshorne, Carl Troll e Georges Bertrand. A pesquisa explora além da literatura de viagem do século XIX, as bases de formação do pensamento geográfico e contribui para o crescimento dos estudos sobre paisagem mediante o estudo dos escritos históricos acerca de viagens. Este estudo pode ser de grande contribuição para as ciências ambientais ao ter como objetos de estudos a paisagem e a descrição regional.

Palavras-chave: Paisagem; Viajantes; Tocantins.

The landscape on travel inside the Brazil of Johann Emanuel Pohl

Brazil in the nineteenth century was the destination of several expeditions called naturalists. Out of interest in search of news for European society, such men entered Brazil and for the exit of valuable records of the period. The study has you found in the period of the sonar in the period of the Tocantins in the period of Johann Emanuel Pohl. From the methodological selection with the keywords and phrases, it was possible to identify the references and the concepts and the expressions about the landscape that would be executed in the later ones. It was found a plural view of the landscapes marked by cultural and scientific formation than comparisons and differences with their place of origin. The writings allow to identify parallels with the conceptions of landscape developed by Alexander Von Humboldt, Siegfried Passarge, Richard Hartshorne, Carl Troll and Georges Bertrand. The research explores beyond the literature of travel in the nineteenth century in which, the formation of geographical thought is based. The research also contributes to the growth of the knowledge about landscape, as well, to the study of the historical writings about travel. This research can be of great contribution to the environmental sciences by taking as object of study, the landscape and the regional descriptions.

Keywords: Landscape; Travelers; Tocantins.

Topic: **Desenvolvimento, Sustentabilidade e Meio Ambiente**

Reviewed anonymously in the process of blind peer.

Received: **02/10/2019**

Approved: **26/11/2019**

Reuvia de Oliveira Ribeiro 

Instituto Federal do Tocantins, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/9423630823488060>

<http://orcid.org/0000-0002-6309-2833>

reuvia.ribeiro@ifto.edu.br

Fernando de Moraes 

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/2925654570470585>

<http://orcid.org/0000-0002-0311-3823>

morais@mail.uft.edu.br



DOI: 10.6008/CBPC2179-6858.2019.006.0027

Referencing this:

RIBEIRO, R. O.; MORAIS, F.. A paisagem na viagem ao interior do Brasil de Johann Emanuel Pohl. **Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais**, v.10, n.6, p.316-327, 2019. DOI:

<http://doi.org/10.6008/CBPC2179-6858.2019.006.0027>

INTRODUÇÃO

Ao longo da história do Brasil, há fantásticas descobertas, algo digno de curiosidade, especialmente dos europeus que se lançavam às navegações e voltavam para casa com muito mais do que produtos. Com o tempo, o gosto por aventuras, anedotas e fantasias de novas terras e povos cresceu na cultura popular europeia. O incomum chega às ciências, com suas tentativas de catalogar, classificar e estabelecer parâmetros de análise com base na sociedade europeia. Cumprindo missões exploração ou de reconhecimento territorial, os europeus não se furtavam em relatar as paisagens da terra Brasil, assim como o grande gosto por estabelecer coleções de flora, fauna e até indígenas.

A paisagem, que tanto extasiava os naturalistas com destino ao Brasil, é o elemento para entender as concepções e a relação com o momento da ciência geográfica no século XIX. Sobre tal unidade geográfica, Gomes (2017) indica que “a ideia de paisagem nos ensina a olhar de outra forma, nos ensina a ver coisas, conteúdos, valores, onde parecia antes nada haver de admirável”. As experiências da viagem, escritas em diários, posteriormente adaptadas para livro e, em conjunto com pinturas e desenhos, desenvolvidas por ocasião das expedições, formam o material de referência para a construção da análise.

A seleção da obra foi mediada por fatores como ser o primeiro a entrar no Norte de Goiás, hoje Tocantins, no século XIX e a importância nacional e internacional da expedição. O austríaco Johann Emanuel Pohl¹ fez parte da Comitiva que conduziu a Arquiduquesa Maria Leopoldina de Áustria ao Brasil, apresentava formação em medicina e geologia. Chefe da expedição Pohl, desembarca no Brasil em 1817 e encontra o país marcado por disputas religiosas, escravidão e pouco acesso ao desenvolvimento econômico. Já eram correntes na Europa os relatos de viagens, a elite intelectual discutia seus métodos em reuniões, então seria lógico que o Reino da Áustria, por ocasião do casamento da Arquiduquesa Leopoldina com o Príncipe Dom Pedro, enviasse seus acadêmicos para formar coleções e pesquisar o Brasil.

Os achados físicos (principalmente espécies de plantas e minerais) da comitiva eram enviados à Viena para serem examinados e expostos em museus. Assim deixaram um grande legado descritivo das condições da flora, da fauna, do clima, das condições mineralógicas e “um retrato do cotidiano, das mentalidades e condições de vida da população” (FLORES, 2013). Além de alargar os conhecimentos sobre tal período e compreender as ciências envolvidas nas expedições naturalistas, o estudo anseia responder a questões como: quais as possíveis concepção de paisagem e a relação de tais com o pensamento geográfico²? Quais particularidades haviam na paisagem da porção de terras que desde a penúltima década do século XX compõe o Estado do Tocantins.

As primeiras impressões do Brasil são valiosas para ter uma noção da percepção do autor em relação ao cotidiano das paragens por ele visitadas. Sobre a relação entre empírico e o teórico, Gomes (2017)

¹ Sobre os estrangeiros que estiveram no Tocantins, Flores (2013) ressalta que eram “homens das ciências, estudiosos e possuidores de uma cultura própria do meio europeu, - formada num período de puro racionalismo e ditada por um modelo positivista de investigação [...]”.

² Para Gomes (2017) “Geografia é o campo ou área de interesse que reúne inúmeras tradições, todas preocupadas em responder à questão do porquê da lógica das localizações, seja ordenada pelos elementos naturais ou pelos humanos”. Assim, o pensamento geográfico precede à ciência geográfica, ainda em seu prelúdio na época da viagem.

considera que o saber parte de uma atividade difícil na qual é necessária a “observação do mundo guiado por categorias que são elas mesmas fundadas na experiência do mundo. A análise sistemática dessas informações e a associação que podemos construir logicamente compõem, em grande parte, o programa da ciência moderna”.

A partir de um amplo embasamento teórico para compor o estudo, selecionaram-se para a análise as descrições de paisagem. O intuito é estabelecer uma relação com o momento da ciência geográfica, além das possíveis influências filosóficas nos modos de descrição da natureza. O propósito é o de perceber conceitos e referências de paisagem utilizados e comparar fatos e acontecimentos citados no livro, na época chamado de Norte de Goiás, com a paisagem atual do Estado do Tocantins.

A paisagem é um dos principais conceitos da Geografia de tal importância que o cerne da Geografia está ligado aos viajantes e às descrições que realizavam dos lugares. Nas observações, o viajante procura traçar a paisagem “de acordo com os propósitos científicos, ao caracterizar o que existe de mais notável em determinados locais, tentando estabelecer uma correspondência nem sempre explícita entre aquilo que é narrado e a imagem” (SALLAS, 2013). Para aprofundar os conhecimentos, é preciso também voltar-se para o passado, para os naturalistas e sua importante contribuição para o conhecimento sobre sociedades e lugares que divulgaram e estudaram em épocas incipientes da ciência.

O resgate histórico de representação oral da paisagem é um recurso de grande validade, não completamente explorado pela Geografia, que adensa os conhecimentos sobre a sistematização dos conhecimentos geográficos. Em relação à paisagem, é um ponto entre o estudioso e o seu objeto, é a ciência em descrição, no século XXI, pôde-se travar contato com passado e descrições ricas do social, da natureza e das relações estabelecidas. O trabalho busca contribuir para o adensamento de saberes sobre paisagem com o estudo da literatura de viagem. A fonte de pesquisa é imensa e valiosa, assim como as descobertas de referências que seriam mais bem desenvolvidas por grandes autores nos séculos XX e XXI.

METODOLOGIA

A construção da pesquisa foi precedida por um estudo bibliográfico com seleção de trabalhos relacionados à literatura de viagens e a estudos historiográficos. Os que mais se aproximam da temática e do viés metodológico possível para o estudo são Souza et al. (2014) e Teixeira (2013), que enumeram os autores expedicionários que narraram as condições de vida e da paisagem no século XIX, inserindo no mapa os deslocamentos com destaques para o discurso e as vivências dos naturalistas em tal território. Souza et al. (2014) relacionam climatologia e literatura de viagens, tomando como base os relatos de Johann Emanuel Pohl na obra *Viagem ao Interior do Brasil*.

Para os autores, a análise histórico-geográfica começa com o conhecimento da obra e familiarização com o material na tentativa de compreender as escolhas do autor, para tal, é necessário conectar-se com o momento histórico, propósitos da viagem e financiadores. As demais etapas são: a identificação de fragmentos de interesse, há destaque para as menções diretas ao tema proposto, com a intenção de

catalogação e comparação dos dados e dos fatos atuais. Organizados os fragmentos em, onde e como, guiados pelo trajeto percorrido pelo viajante, e finaliza com análise e discussão dos resultados obtidos.

Assim, busca-se uma metodologia que supra os objetivos que são entender as perspectivas de paisagem nos relatos de viagens e fazer uma relação com o momento da ciência geográfica, além das possíveis influências filosóficas nos modos de percepção e descrição do meio físico-natural. Em tal âmbito, acrescenta-se a metodologia utilizada por Reis Júnior (2007) na qual para análise de obras é necessário, confrontar as informações do texto original para extrair o pensamento do autor e informações do período, para, assim, compará-los com as referências conceituais e históricas da Geografia.

Desse modo, foi realizada uma “leitura panorâmica (ou seletiva) e leitura detida com a apuração em fichamento sistemáticos” (REIS JUNIOR, 2007). Cada ficha contém: síntese do assunto abordado, conceitos de paisagem ou indícios de concepção da paisagem; influências filosóficas nos modos de percepção e descrição da natureza. Os resultados formaram a hipótese de correspondência entre os escritos de Pohl e os diversos autores da Geografia que se dedicaram aos estudos de paisagem. Trata-se da avaliação das palavras-chave e suas aplicações em frases que encontram parâmetros de correspondência de ideias com os autores do século XX e XXI.

A construção metodológica é composta por etapas de pesquisa e constitui uma fonte importante de trabalhos com o mesmo referencial temporal e princípios de conhecer a paisagem brasileira. Com o foco no Tocantins, foram explorados os deslocamentos, as impressões, o que há de particular e qual a relação com os demais trechos da expedição.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A expedição teve início no Rio de Janeiro, com deslocamentos por Minas Gerais, Goiás, atual Tocantins e Maranhão. Pohl e seus auxiliares coletaram uma ampla quantidade de espécies mineralógicas e vegetais e por pouco não levaram indígenas também, conforme era sua vontade (POHL, 1976). A obra publicada constitui uma grande narração de parte da empreitada no Brasil, muito detalhada exhibe um cenário diverso de fazendas, estradas, serras e pessoas com particularidades locais.

Sistematizar o material em fichas catalográficas foi a configuração para entender as palavras e os sentidos do texto na descrição da paisagem. Assim foi possível compor o Quadro 1, que ilustra a síntese e a hipótese de correspondência com as referências de paisagens. Foi utilizado para tal o relato do percurso realizado pelo Norte de Goiás, atual Tocantins, realizado entre julho e setembro de 1819.

Quadro 1: Hipótese de correspondência da paisagem natural com os conceitos geográficos.

Referência	Palavras-chave	Local da descrição (Século XIX-Atual)
Johann Emanuel Pohl ⇕	[...] em pouco atingimos magnífico palmeiral ; densamente apertadas umas contra as outras, as belas maurícias enfeitavam as margens de um regato que serpeava em um bom quarto de légua. [...] Repousou-nos os olhos esse belo espetáculo , duplamente reconfortante depois das regiões ermas que acabávamos de atravessar. (p. 223)	Vila de São João da Palma – Paranaíba - TO
	A variedade dessas paisagens despertava-nos o mais vivo interesse e quanto à parte pitoresca de nossa viagem , podíamos considerar o dia de hoje como um dos mais felizes. (p. 235)	Rio Maranhão – Rio Tocantins

Alexander Von Humboldt	<p>A região oferecia, aqui, uma bela paisagem. O rio corre majestosamente e rebenta, espumando, contra rochedos; as margens são ornadas de formosos grupos de palmeiras (<i>Euterpe edulis</i>), chamados de palmito. (p. 233)</p> <p>Apareceram aos nossos olhos, nas margens, grandes árvores, entre cujas viçosas folhagens saltavam macacos, e de seu desenvolvimento deduzimos a fertilidade do solo local. (p. 243)</p> <p>Empinam-se os altos, massas de pedras isoladas que, com as suas formas bizarras, fornecem campo livre à imaginação que, pelas semelhanças, pode compará-las a figuras de homens e de animais e admirar, nestas conformações singulares, a maravilhosa força da criação. (p. 267)</p> <p>As Hortas destas fazendas têm um aspecto característico que lembra de certo modo os jardins suspensos de Semíramis. (p. 224)</p>	Rio Maranhão – Rio Tocantins Rio Maranhão – Rio Tocantins Arraial do Carmo - Monte do Carmo Fazenda de José Valério – São Valério do Tocantins
Johann E. Pohl ⇕ Alexander Von Humboldt ⇕ Siegfried Passarge	<p>A fazenda é grande e consiste em sólidos edifícios e várias choupanas de negros, em volta das quais os laranjais e bananais formavam um verdadeiro bosque. Enfeitam-no tucanos, papagaios e diferentes espécies de araras que, nesta região seca e erma, escolheram essas árvores para sua moradia e que, pela variedade de suas cores, emprestam peculiar encanto ao sítio. (p. 222)</p> <p>A região perdeu o aspecto agreste, tornando-se mais alegre à medida que nos avizinhávamos do rio. (p. 228)</p>	Engenho de açúcar de Dona Feliciano – Parana – TO Arraial de Porto Real – Porto Nacional - TO
Johann E. Pohl ⇕ Alexander Von Humboldt ⇕ Siegfried Passarge ⇕ Carl Troll	<p>A região é estéril, de modo que não se pode esperar que o ingrato solo produza os víveres mais indispensáveis. No extremo norte desta capitania só pode ser cultivado um pouco de milho, que na Vila de São João é preciso buscar a 12 léguas de distância. (p. 220)</p>	Vila de São João da Palma – Parana – TO
Johann Emanuel Pohl ⇕ Siegfried Passarge	<p>Atravessamos campos inteiramente ressequidos, enegrecidos pelos incêndios que os haviam devastado. Já de manhã o calor subia a nível quase insuportável. Assustados com o nosso aparecimento, várias manadas de veados corriam velozmente. (p. 219)</p> <p>A serra, que se estendia de norte para sul, a oeste de nossa trilha, tinha o nome de Serra do Sapateiro. Em geral calva, é um prolongamento da Serra da Mantiqueira. O abundante quartzo lácteo tornava nosso caminho quase intransitável. A Serra do Sapateiro acompanhou-nos naquela direção, por três quartos de légua, sendo depois substituída por uma sucessão de morros baixos. (p. 277)</p>	Vila de São João da Palma – Parana – TO Arraial de Arraias – Arraias
Johann Emanuel Pohl ⇕ Siegfried Passarge ⇕ Carl Troll	<p>A região que atravessávamos era uma vasta planície seca e arenosa, sem vestígios de vegetação, um descampado. O sol queimava violentamente; não soprava sequer uma aragem. (p. 226)</p> <p>Há pouco observáramos uma imponente formação rochosa que, quanto mais dela nos aproximávamos, mais nos atraía a atenção; essa grande serra dividia-se regularmente em duas vertentes, formando no alto um planalto, sobre o qual se elevava magnificamente uma nova eminência, também em forma de tenda. (p. 244)</p>	Município de São Valério da Natividade Rio Maranhão – Rio Tocantins
Johann Emanuel Pohl ⇕ Richard Hartshorne	<p>Depois de marcharmos meia hora, observamos importante mudança na vegetação. Não obstante a continuação da seca, já se apresentavam as árvores ornadas com folhagem nova e mostravam sinais de floração, despertando-nos a agradável esperança, para breve, de uma rica coleta de plantas. (p. 265)</p> <p>[...] forneceu o mínimo necessário de água fresca, que é trazida da distância de três quartos de légua e de que os próprios moradores sentem tanta falta, que estavam dispostos a emigrar, se não chovesse dentro de alguns dias. (p. 275)</p>	Arraial de Porto Real – Porto Nacional Arraial de Conceição-Conceição do Tocantins
Johann Emanuel Pohl ⇕	<p>Tomamos hoje a direção oeste para transpor um desfiladeiro da Serra do Berimbau. A estrutura em forma de tendas desta serra denunciava a sua formação de xisto quartzífero. Há muito ouro em seu âmago. (p. 226)</p>	Município de São Valério da Natividade

Carl Troll	Por mais um quarto de hora, foi-nos necessária toda a cautela para navegar entre os rochedos que assomavam aqui e ali e pouco depois vimos um enorme afloramento granítico que formava uma verdadeira muralha . Este paredão é chamado dos Mares; nessa formação rochosa também aparecem depressões umbilicadas , cavadas pelas águas, de 70 centímetros a 1 metro de profundidade e diâmetro. (p. 234)	Rio Maranhão – Rio Tocantins
Johann Emanuel Pohl ⇕ Georges Bertrand	[...] a nossa partida deu ao meio-dia , achamo-nos imediatamente expostos a um calor ardente . Havíamos tomado a direção do norte e seguimos, sedentos, pelos campos queimados . De novo sentimos muito frio e, ao amanhecer (21 de julho), o termômetro registrava, ainda às 06 horas, 7° + R. A minha tenda, a nossa bagagem, toda a região, tanto quanto a vista alcançava , estavam cobertas de espessa geada . (p. 222)	Vila de São João da Palma – Paranaíba - TO
Johann Emanuel Pohl ⇕ Georges Bertrand ⇕ Siegfried Passarge	Na estação seca , reina aqui febres muito malignas e essa é uma das causas por que a região não é mais povoada . (p. 221)	Vila de São João da Palma – Paranaíba - TO

Fonte: Pohl (1976).

Era costume da equipe, composta por guias e auxiliares que se deslocavam utilizando mulas, perfazer quatro léguas e meia por dia (aproximadamente 21 km). Obstáculos aconteciam como “caminho pedregoso” (POHL, 1976), “íngreme elevação” (POHL, 1976), assim como, entraves naturais, ausência de pontes ou chuva forte, tudo isso causava muitos aborrecimentos. Por vezes a expedição foi comprometida por enfermidades como fortes dores de cabeça e febres.

Senti-me muito afetado pelas repetidas mudanças de temperatura dos últimos dias e pela passagem do frio intenso ao ardor do calor tropical; sofri violenta dor de cabeça e, depois, senti-me mal. Os meus criados também ficaram prostrados, com febre, consequência das águas poluídas tomadas na viagem. (POHL, 1976).

Ao final da jornada no Brasil, em debilitada condição de saúde, regressa a Europa e deixa um alerta aos futuros visitantes:

Quem, acompanhando este diário, tiver em mente as condições que, quase todo dia e a cada hora, tem de enfrentar o naturalista naquele país – condições das quais na Europa nem ideia se faz – não se admirará de que, em constante luta com os elementos que passam de um extremo a outro; com animais indóceis que têm de ser utilizados nos transportes; com a falta de toda sorte de medicamentos que, nas terras civilizadas, se encontram em toda parte; com os maus caminhos, a preguiça e ignorância do povo [...]. O espírito e o corpo do viajante, às vezes, se prostrem e de modo algum possam render tanto quanto na Europa. (POHL, 1976)

Ao empreender a grande viagem de descobertas, encontrou o Brasil marcado pelo fim dos tempos áureos da mineração, como no Arraial de Nossa Senhora da Natividade em que descreve que “desde que diminuiu a produção de ouro, os habitantes, quase reduzidos à indigência, levam uma vida miserável.” (POHL, 1974). Na tal época, 1817, Pohl (1782-1834) tinha 35 anos e permaneceu no Brasil por quatro anos. A tal tempo, o autor era considerado com maturidade, a expectativa de vida na Europa no início do século XIX era de 33 anos, e grande formação intelectual. Foi contemporâneo de Alexander Von Humboldt (1769-1859), que já realizava expedições e publicações de grande sucesso, o que auxiliou na descoberta intelectual e metodológica das paisagens. Com a metodologia de seleção de conteúdos por palavras-chave, foi possível verificar a correspondência com o pensamento Humboldtiano, caracterizado por um

[...] cultivo simultaneamente estético e científico das cenas naturais. Com efeito, a união de arte e ciência vinha a ser essencial para sua qualificação literária. Simples “apresentações vivas” (*lebendige Darstellungen*), com mapas e representações pictóricas de plantas, animais que não só visam a aumentar o “gosto pela natureza” (*Naturgenus*) quanto a ampliar o “estado da ciência” (*Stände der Wissenschaft*), os “quadros da natureza” de Humboldt propõem uma ligação (*Verbindung*) entre as finalidades científica e literária, que não estava comumente associada ao processo de individuação das disciplinas no século XIX. (PEDRAS, 2000)

Ainda de acordo de acordo com Pedras (2000), “a paisagem de Humboldt é o exercício constante de uma mente curiosa que tenta, enfaticamente, se aproximar ao encontro do novo. As construções dos quadros remetem sempre à realidade físico espacial”. Tal embate é efetivado em descrições de quadros da natureza, adotados também por Pohl, assim como na exposição de Vila de São João da Palma, atual Paranã/TO. Ao narrar toda a beleza do magnífico palmeiral, utiliza os conhecimentos de botânica para designar as maurícias e coloca também o conceito de região, que foi objeto de estudo de tantos geógrafos ao longo dos anos.

Em navegação pelo Rio Maranhão (Rio Tocantins), Pohl descreve a cena empregando as palavras: *paisagens* e *pitoresca* presentes originalmente no modo de descrição de Humboldt, que difundiu a expressão *pitoresca* para além da arte, aliando-a aos conhecimentos científicos (PEDRAS, 2000). Assim, é notável a formação de quadros, a ligação entre os conhecimentos prévios e o relatar o lugar acrescido de métodos científicos. A exploração pelo Rio Tocantins partiu do Arraial de Porto Real (atual Porto Nacional) e seguiu até o atual Estado do Maranhão, trajeto que demorou aproximadamente dois meses.

É na navegação que as definições e expressões da beleza se sobressaem, são atribuídos ao rio vocábulos como ‘corre majestosamente’, ‘margens ornadas’, ‘viçosas folhagens’ compõe-se um retrato de deslumbre com a natureza exuberante e tropical. A isso se pode colocar a dedução que tamanho encantamento é intrínseco às melhores condições de viagem, posto que a embarcação estava abastecida e não havia trabalho a ser executado, deixando tempo para contemplação e relato das paisagens.

A mesma beleza não é descrita quando está em solo, ao passar sobre o forte calor característico dos meses de agosto e setembro. Em Arraial do Carmo, as formas do relevo são descritas como bizarras e, apesar de geólogo, não há intenção de caracterizar, diz tratar-se apenas de massas de pedras isoladas. Da mesma forma ao presenciar as queimadas, típicas do Cerrado no inverno e na primavera, expõe que “a região que percorríamos oferecia aspecto tenebroso” (POHL, 1976) ou “monótonos campos ressequidos” (POHL, 1976). Há uma relação de topofobia desenvolvida que pode ser relacionada às diferenças ambientais entre o Brasil e a Europa.

Apesar da intenção de desbravar, a enorme curiosidade e o dever científico que tanto inspirava Pohl, as dificuldades impostas pelo calor que em tais épocas pode ultrapassar os 40°C, aliados ao tempo seco e a falta de conforto na viagem interferem na disposição e na descrição da paisagem. As comparações são marcantes na tentativa de aproximação do autor com a realidade local. Pohl compara as hortas da fazenda aos jardins suspensos de Semíramis, novamente nota-se a relação entre conforto físico e descrição bela da paisagem. Também do século XIX e quase contemporâneo de Humboldt, Siegfried Passarge (1866-1958)

escreveu sobre a inter-relação clima, relevo e vegetação considerando a relação dos elementos e suas possibilidades de construção da paisagem. Em suas publicações,

[...] o corolário da fisiologia da paisagem foi o eixo estruturador de sua obra. Assim, a compreensão do processo genético e estruturador das paisagens naturais, associado a um instrumental cartográfico, permitiria ao geógrafo estabelecer uma ordem e uma hierarquia entre as paisagens, passando do nível local ao zonal. (VITTE, 2007)

Em passagens como no Engenho de açúcar de Dona Feliciano (Paraná), é indicada a relação entre o clima, a região, a vegetação e a ocorrência de animais com destaque para a formação de conjunto único que é peculiar ao lugar. Sobre os quadros geográficos, define-se que “devem falar ao espírito e à imaginação, insistiu Humboldt [...]. Os quadros proporcionam igualmente uma visão mais geral e em conjunto daquilo que os especialistas chamam de detalhe” (GOMES, 2017).

Para além do exótico, do pitoresco e das descrições das formas, tenta-se explicar não só pelo lugar, mas também tomando os quadros da natureza a fim de estabelecer uma hierarquia. O seco e o ermo são quadros geográficos não somente caracterizados pelo lugar, mas também por uma soma de vários fatores. Assim como a mudança de paisagem é destaca ao aproximar do Arraial de Porto Real, “perdeu o aspecto agreste, tornando-se mais alegre” devido à aproximação com o Rio Tocantins.

Com referências e questões embrionárias do que estaria por ser discutido posteriormente, há destaque, ainda na correlação com Humboldt, para as indagações ecológicas propostas por Carl Troll (1899-1975). Em Vila de São João da Palmas, o solo é avaliado como estéril e sem produção, o que causa à população muitas dificuldades, como a busca por alimentos essenciais que não são obtidos no local (POHL, 1976). Em diversas passagens, a relação ambiente e população é examinada, ora atribuindo a baixa população aos revezes da natureza, ora à falta de conhecimento e desenvolvimento agrícola como perturbadores do crescimento econômico.

Sobre a paisagem natural do Tocantins na obra de Pohl, alguns elementos são destacados, como o rio, as tentativas de desvendar o relevo e as variações climáticas. O solo e a vegetação, na época da viagem, passavam por grandes queimadas, ao ponto de causar medo e insegurança no viajante. Com tristeza, Pohl explana sobre os campos ressequidos, o calor insuportável e a falta de vegetação. Da atual Paraná a Natividade são muitas as relações com a fisiologia da paisagem e ecologia (Siegfried Passarge e Carl Troll), para conhecer é preciso permear para além do visível e notar suas inter-relações. De acordo com Troll (1997), “em princípio, cada paisagem é um indivíduo. Porém, ao se verificar uma determinada característica relativa ao conjunto das paisagens, agrupam-se todas em um conjunto”.

O pensamento geográfico em construção no século XIX busca incorporar as novas demandas, como a produção de alimentos, a urbanização e o conhecimento dos elementos estruturais da paisagem. Para trabalhar com paisagens e escalas de análise, Carl Troll elucida que existe uma interdependência e caracterização pela localidade, ao que ele chama de ecótopo, que seriam pequenas porções da paisagem.

Associado esse conceito, há a descrição de uma Serra situada no Arraial de Arraias, que Pohl afirma ser um prolongamento da Serra da Mantiqueira e que é abundante em mineral sendo sucedida por morros. Estão presentes tanto a unidade quanto a totalidade dos processos que constituem suas relações ecológicas.

Valendo-se de sua formação acadêmica, passa da literatura à classificação e à formação de escalas de apreciação que no relevo são destacadas principalmente as formas, o surgimento de novas vertentes e a base.

Mesmo como expectador longínquo como no caso do deslocamento pelo rio, as relações de surgimento e destruição da paisagem natural são evidenciadas, mostrando uma escala de fenômenos e a unidade e diversidade da paisagem tropical. Assim descreve que “as formações rochosas do leito do Maranhão, que hoje atravessamos tão dificultosamente, devem ser consideradas, todas, como um bloco único de uma falha da Serra do Lajeado; aqui o rio abriu o seu caminho e rasgou assim a cordilheira que se lhe opunha” (POHL, 1976).

Ao seguir a linha do tempo no desenvolvimento do pensamento geográfico, há Richard Hartshorne (1899-1992), que descreve como meta da Geografia “a compreensão da superfície da terra, abrange a análise e a síntese de integrações compostas de fenômenos inter-relacionados do mais alto grau de heterogeneidade, pertencentes talvez a todos os campos da ciência” (HARTSHORNE, 1978). O geógrafo norte-americano elaborou formulações sobre o estudo das áreas em aspectos de similaridade e diferenciação com proposta de fim da dicotomia propondo o termo variações, acrescentando que o geógrafo deve agir não só no campo da observação e registro, mas, em análises com metodologia própria, o que o torna diferente do viajante comum.

O foco é na explicação das relações existentes e conclui que a “geografia tem por objeto proporcionar a descrição e a interpretação, de maneira precisa, ordenada e racional, do caráter variável da superfície da terra” (HARTSHORNE, 1978). A hipótese de correspondência destacada é avaliada quando no Arraial de Porto Real Pohl se refere que, em meia hora, foi possível observar mudanças na vegetação, as quais ele não consegue explicar, pois as árvores tinham folhas novas apesar das secas. Tomando como tal, aplica-se o conceito de variação de Hartshorne, que compreende haver relações mútuas de trocas e interdependência entre os elementos.

Por sua formação, o viajante, diante da mutação na paisagem, deseja com tal uma boa coleta de plantas. Há um cerne de deixar o registro, do aspecto de mudança que não se aplica somente à paisagem, mas à região que está em transição. Propõe-se que a paisagem não pode ser explicada no nível local, mas na região por inter-relações naturais. A exemplo do que ocorre com a seca que, na localidade, é de tal magnitude que dificulta a vida humana. Em Arraial de Conceição, a complexidade em conseguir água fresca fomentaria as migrações sazonais (POHL, 1976). São as consequências de fatores regionais que interferem na paisagem local e proporcionam uma mudança natural e antrópica.

Contemporâneo de Hartshorne, Carl Troll trabalhou com fotografia aérea para conhecimento do espaço e julgava ser a melhor forma de inteirar-se sobre a superfície da terra. Considerava que “[...] a interpretação de paisagens com fotografias aéreas pode ser considerada uma aplicação de alto nível investigatório para o estudo em Ecologia da Paisagem, sendo o objetivo comum à compreensão da ecologia no espaço terrestre” (RIBAS et al., 2015). Conceituava que trabalhos de campo estavam sujeitos a desvios e perspectiva diminuída o que era corrigido pela ampla dimensão das imagens obtidas do alto.

Tais instrumentos não estavam disponíveis para Pohl, mas as ideias de análise do local pensando no conjunto e na identificação do cerne de suas relações são concretizadas em fragmentos de observações. Ao visualizar a Serra do Berimbau, no território do atual São Valério da Natividade, houve uma elucidação dos processos formadores do relevo com análise de que o formato de tenda do relevo é relativo à formação de xisto quartzífero. São observações que, aliadas ao conhecimento, fazem um trabalho de reconhecimento e codificação da paisagem, indo além da descrição para um momento de estabelecer relações e formar uma perspectiva histórica e morfogenética das formas de relevo.

Em uma abordagem do século XXI, Georges Bertrand considera que a paisagem é mais que o domínio do visível e soma de elementos. Manifestação no espaço como fruto da “combinação dinâmica, portanto, instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução” (BERTRAND, 2004).

Paisagem essa que graças aos estados do tempo atmosférico é mutável e, em regiões tropicais, como o retratado em Vila de São João da Palma, durante o inverno, pode variar e ocorrer fenômenos raros como geadas. Entretanto, de acordo com divulgação da Secretária do Planejamento e orçamento do Tocantins – SEPLAN, a temperatura média anual do ar na região é de 26°C.

Nos meses de junho e julho, a mínima pode chegar aos 16°C, temperatura distante da necessária para formação de geada. Então, há o seguinte questionamento: será possível que as condições climáticas tenham sido alteradas?. Ou Pohl realmente presenciou um fenômeno raro no Tocantins? Na mesma cidade, foi atribuído à seca as doenças e o baixo povoamento. Nas pesquisas do século XXI, é preciso um sistema complexo para elucidar o local em que a soma de informações deve ser aliada a verificações regionais e históricas.

CONCLUSÕES

Nas perguntas iniciais sobre as concepções do autor e particularidades do Norte de Goiás, desde 1988, Estado do Tocantins, percebe-se um cenário marcado por baixo povoamento, grande rio navegável, imensa seca e queimadas (em especial pelo período do ano de julho a setembro). As concepções do autor são marcadas pelas práticas europeias e isso influi nos conceitos de beleza natural, sociedade e espaço natural.

Ao longo dos quatro anos que passou no Brasil, foi possível travar contato com uma sociedade dependente da mineração e em busca de novas fontes de renda, notório o fim das reservas superficiais de minério. O uso do espaço natural provoca grande contestação, pois se atribui a indolência dos habitantes ao descaso com habitações, plantações e construção de obras públicas, como a exemplo da navegação fluvial.

Ao ingressar no território do Tocantins, já conhecia uma parte do interior do Brasil, não de todo acostumado com clima tropical, que diz atingir-lhe violentamente, deixa-se interpelar por esse para conceber a paisagem. Pohl encontra um Tocantins com pequenos agrupamentos populacionais, temerosos em algumas partes de ataques indígenas e assinalado por um relevo de serras.

Seu trajeto foi marcado pela tentativa de entender as serras e suas relações com elementos maiores da paisagem, buscando uma incipiente relação com o solo e o clima. Para a época, o solo era tido como infértil e nada poderia ser obtido, além da criação de poucos animais. Alguns vestígios haviam de minas e lavras de ouro. Nos arredores de Natividade, tentou conferir um veio, mas sem sucesso, pois as notícias eram maiores que a realidade da extração.

O grande ápice foi o Rio Tocantins, ao que na época ele descrevia como Rio Maranhão. Os bancos de areia que ora apareciam e obrigavam o desembarque não eram suficientes para retirar o contentamento que tal panorama revelava. Toda exuberância da natureza é descrita às margens do rio, acrescentada pela presença indígena que Pohl entusiasmava em travar contato, embora não o tenha feito com tanto empenho em outras terras.

São essas primeiras impressões e descrição que formarão e inspirarão a construção teórica de um arcabouço para a Geografia. Parte-se de uma história para conhecer a paisagem, o lugar, a região e o território para assim aferir que as realidades são múltiplas e os fenômenos complexos. As diversas correntes do pensamento geográfico em progresso formam uma perspectiva histórica que foi desenvolvida de acordo com as necessidades da época.

Desde a época da viagem de Pohl, essa pequena porção do espaço, chamado Estado do Tocantins, muito perdeu de habitantes indígenas, os rios, apesar do potencial, continuam, para o bem ou para o mal, com difícil navegação e os campos ermos muito se transformaram pela modernização da agricultura. O solo pedregoso foi alterado por máquinas e monocultura para deixar de ser estéril e passar a um colosso na produção das *commodities*. Ainda há uma paisagem com a presença de grandes serras como as Serras Gerais, a Serra de Natividade e a Serra de Lajeado. Por último, ressalta-se que a literatura de viagem constitui um campo de muitas possibilidades de pesquisa, mostrando que os quadros da natureza, amiúde presente nela, constitui fértil campo do pensar geográfico.

REFERÊNCIAS

BERTRAND, G.. Paisagem e geografia física global. Esboço metodológico. **RA'EGA**, Curitiba, n.8, p.141-152, 2004.

FLORES, K. M.. **Estrangeiros no Tocantins do século XIX**. Palmas: Nagô, 2013.

GOMES, P. C. C.. **Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

HARTSHORNE, R.. **Propósitos e natureza da Geografia**. São Paulo: Hucitec/Universidade de São Paulo, 1978.

PEDRAS, L. R. V.. A paisagem em Alexander von Humboldt: o modo descritivo dos quadros da natureza. **Revista USP**, São Paulo, n.46, p.97-114, 2000.

POHL, J. E.. **Viagem no interior do Brasil**. São Paulo: Itatiaia, 1976.

REIS JÚNIOR, D. F. C.. **Cinquenta chaves**. O físico pelo viés sistêmico, o humano nas mesmas vestes e uma ilustração doméstica: o molde (neo)positivista examinado em textos de Antonio Christofolletti. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

RIBAS, R. P.; GONTIJO, B. M.. Paisagem percebida: evolução e perspectivas sob a ótica da Geografia e Ecologia. In: XV ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA. **Anais**. Havana, 2015.

SALLAS, A. L. F.. **Ciência do homem e sentimento da natureza: viajantes alemães no Brasil do século XIX**. Curitiba: UFPR, 2013.

VITTE, A. C.. **O desenvolvimento do conceito de paisagem e a sua inserção na Geografia Física**. Mercator, 2007.

SOUZA, L. B.; TEIXEIRA, D. R.. A climatologia na literatura de viagem: possibilidades de pesquisa e considerações

metodológicas. In: SILVA, C. A.; FIALHO, E. S.; STEINKE, E.. **Experimentos em climatologia geográfica**. Dourados: UFGD, 2014.

TEIXEIRA, D. R.. O sertão de Goiás na literatura de viagem. **Revista Mosaico**, v.6, n.1, p.95-105, 2013.

TROLL, C.. A paisagem geográfica e sua investigação. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro, n.2, p.7, 1997.

A CBPC – Companhia Brasileira de Produção Científica (CNPJ: 11.221.422/0001-03) detém os direitos materiais desta publicação. Os direitos referem-se à publicação do trabalho em qualquer parte do mundo, incluindo os direitos às renovações, expansões e disseminações da contribuição, bem como outros direitos subsidiários. Todos os trabalhos publicados eletronicamente poderão posteriormente ser publicados em coletâneas impressas sob coordenação da **Sustenere Publishing**, da Companhia Brasileira de Produção Científica e seus parceiros autorizados. Os (as) autores (as) preservam os direitos autorais, mas não têm permissão para a publicação da contribuição em outro meio, impresso ou digital, em português ou em tradução.